



Reconquista I

Gloriosa vocación histórica de España y Portugal fué dilatar los horizontes de la Cristiandad, en tanto Europa se destrozaba espiritualmente, por obra de la pseudo reforma protestante.

Las naciones de América que heredaron el legado de cultura transmitido por castellanos y portugueses, se constituyeron bajo una inspiración auténticamente católica. Entre tanto, después de la independencia, en la misma época en que los pueblos de la península ibérica eran desviados de sus tradiciones por influencias extranjeras, también los pueblos del Nuevo Continente sufrieron el jugo de las ideas revolucionarias europeas, que les deformaron la sabia constitución política, poniendo en conflicto el Estado con la Nación.

Ahora que el mundo moderno, entre amenazas e ilusiones, está en liquidación, cumple al Brasil e a todos los pueblos hispano-americanos formar con Portugal y España un frente único, para sostener la unidad católica, como en los tiempos de la Reconquista y en Lepanto, contra el enemigo venido de Oriente, y como en Trento, contra las fuerzas internas de disolución moral e ideológica, mucho más peligrosas. Que todo esto es continuar la obra de la Reconquista, es restituir nuestros pueblos a los ideales de sus glorias pasadas, que son los rumbos salvadores de su grandeza futura.

Dentro de lo regímenes políticos que más se adapten a las condiciones históricas de cada uno de estos pueblos, deben todos estar unidos en torno de ciertos principios fundamentales de una tradición católica común.

Por estos principios de doctrina política tradicionalista luchará esta revista, por encima de cualquier posición política de tipo partidista.

Hemos de advertir que, firmes en estos principios, que son los de la verdad católica, estudiaremos todas las cuestiones candentes de actualidad, entre las cuales tiene particular relieve la llamada cuestión social, que no es meramente una simple cuestión económica de salarios, sino algo mucho más fundamental y de mayor alcance, como se ve manifiestamente en las tan justamente celebradas RERUM NOVARUM y QUADRAGESIMO ANNO.

Iniciándose la publicación de esta revista en el Año Santo de 1950, ponemos nuestro pensamiento en la Roma eterna. A los pies del Vicario de Cristo depositamos nuestros más fervientes votos de filial y amorosa sumisión, con un acto de Fe en el Primado de Pedro y con pleno acatamiento a las normas rectoras dadas por nuestra Santa Madre, la Iglesia, fuera de las cuales no puede haber salvación ni para los individuos ni para la sociedad.

Vamos à Reconquista

ARLINDO VEIGA DOS SANTOS

(São Paulo)

Promontório sôbre o Mar-Oceano Tenebroso, caminho da América ou das ilhas misteriosas dos velhos portulanos; Montes Cantábricos de atalaia contra os bárbaros loiros saqueadores de povoações vizinhas do Mar ou dispersas pelas ribanceiras dos rios remontáveis; portas e janelas para a África misteriosa, avara dos segredos do Preste João, povoada de feras e homens adustos e, mais tarde, talada na beira-Mediterrâneo pelo alfange árabe; "abre-te Sésamo!" das aventuras marítimas ao Oriente Próximo e, da ponta simbólica de S. Vicente, para os pêlagos longínquos dos Ganges, de Cipango e Catai — a Península Hispânica tinha de destinar-se, quando não por outros motivos, pelos geográficos, a centro de criação, expansão e defesa de tudo quanto é ecumênico, tudo quanto tem carácter universal, humano e, por vocação, CATÓLICO.

Não fiquemos, porém, apenas no aspecto telúrico da valorização da Península, embora bem me queira parecer existir um destino das penínsulas. Quase sorrindo do meu próprio achado, começo a pensar na Grécia duas vêzes peninsular, na Itália, e arrisco-me a inventar uma península egípcia, uma vez que o istmo de Suez a ligava à Ásia, ao passo que a fechavam as águas do Mediterrâneo, do mar Vermelho e do rio-mar Nilo que se perdia pelas nascentes no desconhecido. E a ardente Arábia? Não é outra península? E não ousa vir ter parte conosco na elaboração da nossa História? Cá na América, a primeira grande cultura de que se vem a ter notícia é a Maia que se expande na península de Iucatão.

Há mais, todavia, além do puramente geográfico. Com petem a geografia e a liberdade nómada do homem em dar-se encontro na Hispânia. Transculturam-se aí, desde tempos imemoriais, egípcios, celtas, iberos e lusitanos, fenícios, cartaginezes, gregos e romanos, germânicos de várias cepas — suevos, alanos, vândalos e visigodos.

Possível é que toda essa farândula de povos andeijos haja deixado no substrato das raças peninsulares uma dinâmica de inquietação, sempre pronta a manifestar-se assim nas ações físicas da creatura humana, como no domínio superior da intelectualidade e das supremas realizações morais, desde o âmbito da família até o do Estado, da humanidade e, mais, da sobrenaturalidade. Artistas, pensadores, guerreiros, Heróis e Santos, enchem a vida multissecular da Península.

* * *

Em chegando as hostes romanas para impor a Iberos e Lusitanos o seu modo de ser e de viver, o seu modo de ver, já carregado de presunção universalista à maneira pagã de romanizar os deuses locais antes que decretar a adoração dos seus próprios deuses, encontram a resistência feroz dos nativos. Símbolo deles, Viriato. Não cede a orgulhosa Roma, já impregnada da cultura grega e talvez algo consciente da sua missão de preparadora do *novus ordo* da Êcloga de Vergílio: *Sicelides Musae, paulo maiora canamus*.

Eram as vésperas da invasão de uma outra Potência que viria na esteira da empresa imperial: as coortes humanamente pacíficas mas espiritualmente intolerantes como a Verdade: os cristãos dirigidos, de Roma, por Pedro, Simão Pedro; os cristãos, herdeiros de Judá, centralizados como o Império na capital do mundo ocidental — Roma.

Ao irruirem sobre a Península os godos do Ocidente, já tem uma alma só toda a população aí vivente. E só se integra o Império Visigótico com a conversão de Recaredo, realizando aquilo que mais tarde nos ensina a *assemblea de Fontaldara* em 1173: "La tutela de las cosas divinas y humanas a nadie pertenece tanto como al Príncipe y nada debe ser tan propio

del príncipe bueno y recto como impedir las injurias, calmar las guerras, establecer la paz y comunicarla a los súbditos para hacerla conservar a éstos. Por lo que no sin razón puede decirse y declararse que por eso es llamado el príncipe Rey; que por Dios reinan los reyes y los poderosos hacen justicia".

Processa-se a hispanização do Direito Público, graças à penetração da doutrina da Igreja em todas as instituições herdadas de Roma. Romanos e Germânicos desaparecem para dar lugar a uma expressão político-social *sui-generis*, compendiada na Monarquia Visigótica, em que o César-deus passa a ser o César obediente a Deus. Evolucionam-se, diferenciam-se as instituições políticas. Nobres palatinos e bispos, sob a égide dos Reis, e da Igreja, reúnem-se nos Concílios nacionais. Cede ao cristão o pagão. Cede o arrianismo ao catolicismo. O Império Romano aprendera com os hispânicos Trajano e Adriano uma sábia lição de política para a sucessão pacífica dos Imperadores. Seguem-lhes na pegada os povos hispânicos neogóticos, hispano-romanos. Mas não é ainda pacífica e incontestada a sucessão hereditária dos Soberanos, em razão das turbulências dos árdegos nobres e eclesiásticos ambiciosos, provenientes das seculares mestiçagens dos descendentes germano-romanos com os povos nativos.

Pompeia, contudo, como norma da convivência social, o Código Visigótico, o *Fuero-Juzgo*. O costume cristão derribou ou, melhor, transformou o Direito pagão. Quando ocupam a Península as fanáticas hordas de Táríc, já existe uma como Nação Hispânica, capaz de realizar a epopéia multisseular da RECONQUISTA, lição assombrosa contra o immediatismo das desfibradas gerações modernas ansiosas de vitórias rápidas contra erros nimamente arraigados.

* * *

Esse o nosso tema: o tema da RECONQUISTA.

Há uma alma cristã na Hispânia do século VIII. Contra a conspiração judeo-árabe ela vai alçar-se desde as montanhas cantábricas, iniciando a luta épica com a vitória de Pelágio em Covadonga. Empreitada imensa de gerações contínuas

temperadas na mesma Fé, somente poderá cantar o definitivo triunfo, no século XV, no mesmo ano em que Colombo descerra as cortinas da América para aumento da Cristandade.

* * *

Revestiram expressões novas os Mouros, os Arabes doutrota. Com o Renascimento e com a pseudo-Reforma, os despotismos cesaristas e democráticos, "constitucionalistas", republicanos e bolchevistas (galhos todos de uma única raiz), restauram os Pombais e os Arandas, bem como as heresias subtis e capciosas que tentam novamente estraçalhar a túnica inconsútil de Cristo e sua Igreja, e romper a unidade da nossa Cultura de mil anos.

Tirara o romanismo pagão e depois o liberalismo político os nossos foros e *fueros*, os nossos forais e *forales*, as nossas liberdades municipais e provinciais, os nossos grêmios do Trabalho e as nossas Côrtes, assim como a "liberdade divina" da expansão da Fé. Impuseram-nos em troca a corrupção individualista, a "representação" partidária, a "liberdade" do Trabalho em benefício dos ladrões capitalistas e da chantagem comunista, os parlamentos declamadores e descontínuos, os reis de opereta tantas vezes provisórios, a separação da Igreja e do Estado, fonte da apostasia das massas, dos escóis sociais primeiramente.

Agora já não são os pagãos ignorantes de Cristo e da Redenção, já não são os cândidos Leovigildos e bárbaros germânicos, senão os renegados que nos defrontam. Já não são sarracenos ignaros apenas, mas ferozes janizaros, mudéjares e ímpios muladis.

Contra eles e pela Igreja e a Hispânia, aceitando em nossas falanges os novos moçárabes e castigando os novos marraños hipócritas, a nova RECONQUISTA.

* * *

Seuls des motifs religieux ou monarchistes — diz Louis Bertrand em sua Histoire d'Espagne — pouvaient imposer l'expulsion complète et définitive des Maures.

Realmente, foi a Religião e a Monarquia quem venceu a maior peleja havida em tôda a História do mundo; — a luta dos Hispânicos para defender a sua identidade histórica. Isso é a RECONQUISTA. E' a expressão actual da nossa campanha.

Pela Religião e pela Monarquia solidárias, na descendência racial ou espiritual de Raimundo de Leão e Henrique de Portucale, erguem-se os montantes entusiásticos para o prélio contra os novos mouros que ocuparam ou tentam ocupar as Cidadelas da Hispânia, que hoje se denominam Lusitanidade e Espanidade, dispersas pelo mundo que os nossos Avós portuquêses e espanhóis crearam.

Tisnadas que foram pelos legistas do absolutismo cesáreo ou do renascimento néo-pagão, pela falsa Reforma que juntos combatemos em Trento e em outras justas pela Cristandade, cumpre-nos lavar em águas vivas as vestes níveas das nossas tradições. E isso é RECONQUISTA.

Foi justamente depois de consumada a obra gigantesca da primeira Reconquista que nos lançámos pelo Mar Tenebroso para a expansão da Fé e do Império, missão gloriosa da HISPANIA.

Agora, vamos à NOVA RECONQUISTA.

Começaremos tudo, recomeçaremos tudo pela reconquista dos espíritos, das inteligências. Aí é que se ferem as batalhas decisivas.

A postos, Hispânicos de todos os Mares e todos os Continentes!

VAMOS À RECONQUISTA!

N. da R. — O termo *Hispânia* é empregado pelo A. para significar Portugal, Espanha e todos os povos de formação cultural luso-espanhola. Assim também empregaram o mesmo vocábulo Almeida Garret, Antonio Sardinha e outros.

